

## A temporaneidade do espaço da arte arquitetônica na filosofia fenomenológica existencial de Evaldo Coutinho<sup>1</sup>

Prof. Dr. Gilfranco Lucena dos Santos<sup>2</sup>

### Resumo

O presente artigo tem o objetivo de apresentar e discutir o caráter temporâneo do espaço arquitetônico e sua relação com a existência histórica à luz da obra *O Espaço da Arquitetura* do filósofo recifense Evaldo Coutinho (1911-2007). Em seu sentido filosófico do espaço arquitetônico, o espaço-tempo mantém um vínculo fundamental no vão da arte arquitetônica, de tal maneira que eles podem orientar e resguardar artisticamente no habitáculo arquitetônico a existência histórica do ser humano. Trata-se, pois, de pensar a história sob o signo de uma filosofia da arte arquitetônica.

**Palavras-chave:** Fenomenologia. Arquitetura. Espaço. Tempo. História.

### Abstract

This article has the purpose to think the relation between time, history and architectonic space in Evaldo Coutinho's (1911-2007) Philosophy of Architecture. In his philosophical meaning of architectonic space, the shell of architectonical space keeps the time of life and history as an offering to those who live in it and to those who in it comes. So this article tries to investigate how the space and time maintains a fundamental link in the shell of architectonical art, and questions how they keep artistically the historical human existence. It tries to think the history under sign of a phenomenological philosophy of architectonical art.

**Keywords:** Phenomenology. Architecture. Space. Time. History.

---

<sup>1</sup> Este artigo foi apresentado como conferência de encerramento no Colóquio Fenomenologia e Arte: Diálogo e Criatividade, organizado pelo Grupo de Estudos Sartre da Universidade Estadual do Ceará, realizado entre os dias 2 e 5 de setembro de 2009 no Centro de Humanidades da UECE.

<sup>2</sup> Professor Adjunto dos Cursos de Licenciatura e Bacharelado em Filosofia da Universidade Federal da Paraíba. Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco e Doutor em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação Interinstitucional da UFRN-UFPB-UFPE. E-mail: [gilfranco.lucena@gmail.com](mailto:gilfranco.lucena@gmail.com).

## Introdução

A filosofia fenomenológica de Evaldo Coutinho (pouquíssimo conhecida no Brasil, ainda que de uma originalidade filosófica profunda e incomum) procura discutir a arte sob a perspectiva do que ele nomeia “a autonomia do gênero artístico”. Esta filosofia, “tomando a ‘matéria’ como elemento discriminador dos gêneros artísticos”, confere à arte arquitetônica o vazio de seu espaço interior como a matéria fundamental do espírito criativo desta arte.

Neste sentido, o vão do espaço arquitetônico é pensado como um resguardo do tempo da arte e do arquiteto que a projeta, o que faz do vão da arquitetura *um espaço intemporal temporâneo*. O espaço arquitetônico é temporâneo justamente na medida em que, por referência a alguém que nele habita e a quem ele abriga, entre a temporalidade do maciço (passível de sofrer desgaste temporal) e a intemporalidade do espaço (impassível ele próprio de sofrer as intempéries do tempo sob a forma do desgaste), no qual temporalidades ocorrem, pode resguardar um tempo. Este artigo visa aprofundar a repercussão desta compreensão fenomenológica do espaço arquitetônico, tendo como objetivo colocar à seguinte pergunta: Como o espaço e o tempo mantêm um vínculo fundamental no vão da arte arquitetônica e de que maneira a arquitetura pode modular e resguardar artisticamente a existência histórica do ser humano? Procurarei fornecer uma resposta a essa questão no horizonte do pensamento filosófico existencial de Evaldo Bezerra Coutinho.

A título de uma informação preliminar, Evaldo B. Coutinho nasceu no dia 23 de junho de 1911 e morreu no dia 12 de maio de 2007. Foi fundador dos cursos de Arquitetura e Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco. Escreveu uma vasta obra filosófica, intitulada *A Ordem Fisionômica*, publicada em sete volumes sob os seguintes títulos: *O Lugar de Todos os Lugares* (publicado em 1976 como introdução à obra *A Ordem Fisionômica*); *A Visão Existenciadora* (publicado em 1978 como vol. I); *O Convívio Alegórico* (publicado em 1979 como vol. II); *Ser e Estar em Nós* (publicado em 1980 como vol. III); *A Subordinação ao nosso Existir* (publicado em 1981 como vol. IV); *A Testemunha Participante* (publicado em 1983 como vol. V); *A Artisticidade do Ser* (publicada em 1987 como uma conclusão geral da obra *A Ordem Fisionômica*). Além desta obra, escreveu também um ensaio filosófico de teoria do cinema, intitulado *A Imagem Autônoma* (publicado em 1972), e o tratado ao qual dedicava muita estima e que será o objeto específico deste artigo, intitulado *O Espaço da Arquitetura* (publicado em 1970). Neste seu tratado filosófico sobre a

arquitetura deixa-se verificar de maneira profunda o caráter fenomenológico existencial do pensamento de Evaldo Coutinho, que pretendo explicitar de início.

Uma vez que, em geral, a fenomenologia e a filosofia existencial tornaram-se nomes de escola na história da filosofia, a atribuição de pensamento fenomenológico existencial à filosofia estética de Evaldo Coutinho poderia causar de início, no mínimo, certa estranheza, já que o próprio autor não evoca nenhuma filiação às escolas acima mencionadas. Seu pensar é autônomo, como autônoma ele entende ser toda filosofia. O que me leva a chamá-lo fenomenólogo existencial é o conceito que aprendi com Heidegger e compartilho com ele, quando em *Ser e Tempo* ele estabelece a seguinte definição: “Philosophie ist universale phänomenologische Ontologie, ausgehend von der Hermeneutik des Daseins, die als Analytik der *Existenz* das Ende des Leitfadens alles philosophischen Fragens dort festgemacht hat, woraus es *entspringt* und wohin es *zurückschlägt*” (HEIDEGGER, 2001, p. 38). Ou seja, a filosofia é ontologia fenomenológica universal, proveniente da hermenêutica do nosso ser e estar-aí, que, como analítica da existência, amarrou a ponta final do fio condutor de todo questionamento filosófico ali no lugar a partir de onde ele emerge e para onde retorna. Heidegger entende que “ontologia e fenomenologia não são duas disciplinas pertencentes à filosofia e distintas uma da outra” (ibidem), mas “estes títulos caracterizam a própria filosofia segundo seu objeto e modo de tratamento” (ibidem).

Desse modo, entendo que a filosofia de Evaldo Coutinho é ontológico-fenomenológica e existencial-hermenêutica justamente na medida em que ela parte de uma análise da existencialidade da existência, de uma auto-interpretação da facticidade, ao considerar que “em mim”, isto é, em minha existência, “se opera a existencialidade do mundo” (COUTINHO, 1978, p. xi). Sua filosofia é ontológica e fenomenológica ao defender que operando em minha existência a existencialidade do mundo, “o absoluto do ser está adstrito ao efêmero da minha vida” (ibidem). Sua filosofia é ainda ontológica e fenomenológica, uma vez que é pela descrição dos eventos que estão adstritos à minha existência que posso compreender a totalidade do ente em sua característica essencial (modo de ser), que, segundo Evaldo Coutinho, consiste no fato de o ente estar subordinado a meu existir<sup>3</sup> e destinado a perecimento fisionômico com a minha morte. É por essas características de sua filosofia que entendo ser ele um fenomenólogo existencial.

---

<sup>3</sup> Esta compreensão aproxima-se ideativamente de Husserl, uma vez que para este a essência do ente é um dado fenomenológico constituído na imanência da consciência em ato intencional; o ser do ente se constitui na intencionalidade da vivência imanente à consciência intencional.

Benedito Nunes, ao fazer uma análise sobre a obra de Evaldo Coutinho, assevera algo semelhante quando afirma que a filosofia de Evaldo Coutinho possui uma

consangüinidade, o parentesco de sangue: de um modo geral com a Fenomenologia, pelo seu caráter descritivo e com a Hermenêutica, pelo seu teor interpretativo, exegético. Sob o foco das duas, irrigam o pensamento de Evaldo Coutinho, a filosofia heideggeriana da primeira fase (*Ser e Tempo*), a ontologia fenomenológica de Sartre e a fenomenologia de Merleau-Ponty<sup>4</sup>.

Dito isto, importa agora partir direto para o tema que me propus a discutir, a fim de refletir em que consiste a temporaneidade do espaço arquitetônico e como ele se constitui no resguardo artístico da existência histórica.

### **A concepção e contexto do tratado *O Espaço da Arquitetura***

Em entrevista concedida ao jornalista Alexandre Bandeira para a revista *Continente Multicultural*, Evaldo Coutinho expõe de maneira simples o contexto de surgimento e a concepção de *O Espaço da Arquitetura*. Ele assegura que, depois de terminada *A Ordem Fisionômica*, escreveu *O Espaço da Arquitetura*, falando depois a respeito de sua concepção nos seguintes termos:

Ela surgiu ao longo da elaboração de *A Ordem Fisionômica*. Gosto muito de minha concepção. Dou nobreza filosófica à Arquitetura. Sempre se viu a Arquitetura como um volume, composto de paredes e teto. Se você pegar um livro de História da Arquitetura, você vê logo fotografias das coisas mais bonitas, mais conceituadas, de volume. Esse conceito de volume, eu considero próprio da Escultura. Uma escultura pode ser isso aqui (apanha um cinzeiro na mesa), algo pequeno, mas pode ser também um edifício de dez andares. É volume. Pertence à outra arte, que é a Escultura. Como a Arquitetura, então, teria o título de arte pura, de arte maior, como a Pintura, a Música, a Literatura? O que faz a autenticidade da Arquitetura é o vazio interno, o espaço, que passa a ter uma importância autônoma. (COUTINHO, 2001, p. 38-39)

A busca de determinação do que implica a autonomia de cada arte é uma característica fundamental da filosofia da arte de Evaldo Coutinho. Ele acentua que, além da autonomia que a arte possui em relação a outras atividades do espírito humano, faz-se necessário considerar a autonomia dos diversos tipos de arte entre si: “esta ordem de

---

<sup>4</sup> Este trecho é extraído de um texto de Benedito Nunes, intitulado *O Solipsismo e a Tanatologia de Evaldo Coutinho*, que me foi cedido pelo Prof. Evaldo Coutinho por ocasião de uma visita a sua casa por volta de 2002. Não tenho conhecimento se esse texto foi publicado na íntegra. A introdução a esse texto foi publicada na revista *Continente Multicultural*, Ano I, n. 3, março/2001, p. 44, sob o título *A medida do pensamento: depoimento de Benedito Nunes para o filme A composição do Vazio*, a respeito da obra de Evaldo Coutinho.

autonomia tem na matéria, com que se efetiva a criação, a base que mantém e norteia a complexidade digressiva a propósito da respectiva arte” (COUTINHO, 1998, p. 3).

Na perspectiva de Evaldo Coutinho, enquanto o estilo do artista, que manifesta o modo específico como cada artista trabalha a matéria de sua arte, constitui a forma estética, é pela matéria que a arte encontra primariamente sua determinação autônoma. Assim, “partindo do princípio de que cada arte existe em virtude de sua matéria” (COUTINHO, 2001, p. 41), esta matéria na Música é a sonoridade, na Pintura é o colorido, na Literatura é a palavra, no Teatro é o gesto cênico e a voz, na Escultura é o volume, no Cinema é a imagem em preto e branco e muda, enquanto na Arquitetura, por fim, é o vão do espaço arquitetônico. Pelo vazio interno o espaço arquitetônico passa a ter uma importância autônoma.

Ele contém as pessoas que ali estacionam ou circulam. Enquanto preservado o edifício, por esse espaço transitam gerações de pessoas. O edifício tem trezentos anos, quantos entraram ali, olharam pela mesma janela, abriram a mesma porta? Há uma repetição do tempo, e isso estabelece também uma unidade do Ser dentro dessa construção. Eu, quando entro no edifício, sou o indivíduo que há trezentos anos entrou e o que entrou na véspera. Repito o comportamento físico de entrar. A Filosofia da Arquitetura consiste nisso; não na parte construtiva, das paredes, mas no vão, disposto à repetição humana. (COUTINHO, 2001, p. 39)

Aqui se encontra o aspecto fundamental do que me interessa tratar nesta conferência: segundo Evaldo Coutinho, “o tempo... é sustado por meio da arquitetura” (COUTINHO, 1998, p. x), “nesse vazio arquitetônico que é um altar que a si modela os presentes à liturgia de ser, sob a modalidade da repetição” (COUTINHO, 1976, p. 199). A concepção fundamental de Evaldo Coutinho que quero acentuar e discutir é, neste sentido, a de que o espaço da arquitetura modula o que ele chama a liturgia de ser da existência humana, compondo, pela repetição da gestualidade fisionômica dos transeuntes do espaço arquitetônico em deambulação, um tempo do ser na contemporaneidade fisionômica, incrustado na intemporalidade temporânea do vão da arquitetura. E é assim que, segundo Evaldo Coutinho, a arquitetura orienta e resguarda artisticamente a existência histórica do ser humano, de tal modo que “a história do homem se confunde com a história dos processos para se oferecer a cada motivo, a cada assunto, a cada significação, enfim, a cada nominalidade, o seu respectivo logradouro” (COUTINHO, 1998, p. 187).

### O espaço intemporal temporâneo e a existência deambulante nele<sup>5</sup>

Na tentativa de pensar a relação do espaço da arquitetura com o tempo, Evaldo Coutinho começa por expor como o artista procura exprimir o seu desejo de que a arte perdure no tempo (cf. COUTINHO, 1998, p. 74). Assegura que justamente a arquitetura “em virtude de ser realidade e ater-se a realidades” possui seu espaço “a cada hora sob o risco de dissolver-se por força de alguma alteração no maciço continente” (COUTINHO, 1998, p. 74). Esta realidade que se atem a realidades é puramente existencial e temporânea, fisionômica por excelência. O criador almeja uma perdurabilidade que na Arquitetura encontra-se na dependência de uma matéria que não é a sua própria, mas que dela se vale para engendrar dentro dela a sua própria, isto é: engendrar no interior de um maciço continente a matéria de sua arte, o espaço vazio, como vão aos deambulantes que no espaço compõem o cenário de sua arte, e engendra assim um tempo repetível fisionomicamente. Pela necessidade que possui a arquitetura de atrelar-se á arte dos maciços para resguardar a sua própria, o arquiteto há que instalar-se entre a temporalidade do maciço, sujeito sempre e a cada vez a degradação temporal, ao que é propriamente temporário e se degenera com o passar do tempo, e a intemporalidade do vão, que em si resguarda *um tempo*, e, assim, se constitui não temporariamente, mas sim, temporaneamente, isto que é o que há de mais falecível, porque dependente de estruturas temporárias, passíveis de degeneração, e, ao mesmo tempo, adstrita à existência fisionômica finita para a qual se constitui.

A degeneração do maciço continente, que não atinge de imediato o vão, e os reparos que nele se fazem não trazem nenhuma alteração ao vão que se mantém incólume; eles produzem uma mudança efetiva no aspecto escultórico, que oferece o vão, mantendo-o, porém, em legítima oferenda. O espaço arquitetônico conserva-se incólume ante o que produz a *temporalidade* própria do maciço continente, esta que é caracteristicamente preemptória e temporária. Ao espaço do vão arquitetônico estão reservadas unicamente duas possibilidades: 1) ser temporaneamente intemporal, enquanto se constitui por referência à existência que nele habita; 2) desaparecer totalmente, e com ele o tempo que o constitui e resguarda, se por ventura vir à tona a demolição do maciço que o contém.

---

<sup>5</sup> Reflexões em torno do espaço intemporal temporâneo, com o mesmo teor das que se seguem neste tópico foram publicadas por mim no contexto de um estudo sobre tempo e história na hermenêutica bíblica. A reflexão buscava compreender o sentido filosófico em que se pode falar de uma existência temporânea em todo processo de interpretação (cf. Gilfranco Lucena dos SANTOS, *Tempo e História na Hermenêutica Bíblica*; fundamentos filosóficos e aspectos teológicos da hermenêutica bíblica em Carlos Mesters. São Paulo: Loyola, 2009, p. 46-55).

Como assegura Evaldo Coutinho: “a demolição atingiria o estojo de quantas figuras nele se modelaram” (COUTINHO, 1978, p. 24).

O espaço é assim temporâneo somente na medida em que, por referência a alguém que *nele habita e a quem ele abriga*, entre a temporalidade do maciço e a intemporalidade do espaço, no qual temporalidades ocorrem, pode *resguardar um tempo*. (SANTOS, 2009, p. 50)

Nesse sentido, não é propriamente o espaço considerado em si mesmo e em geral que se constitui como temporâneo, mas propriamente o *espaço arquitetônico*, que se constitui por referência a alguém que nele habita e a quem abriga; o espaço arquitetônico conserva para a existência a possibilidade de vivenciar um tempo “de sorte que alguém, ao ingressar hoje em uma nave gótica, se faz gótico, em ideal contemporaneidade com todos que entraram e entrarão no intemporal reduto” (COUTINHO, 1978, p. x).

Ao analisar “o fenômeno dos reparos a que normalmente se submetem as obras de arquitetura”, acentua que eles “incidem nos elementos da figuração, a fim de que se subtraia da instância comum do tempo, o que de mais significativo sobra de um ser, de uns seres de determinada época” (COUTINHO, 1998, p. 75). Isto que Evaldo Coutinho chama de mais significativo é justamente o aspecto temporâneo da existência, que engendra época e torna patente a história, em uma diversidade de épocas<sup>6</sup>, em função das singularidades das existências individuais, que, na filosofia de Evaldo Coutinho se constituem como “cintilações do Ser”.

Em verdade, assegura Evaldo Coutinho, o edifício se constitui em correspondência temporânea, que não se limita à ocasião de seu surgimento, nem só aos indivíduos de sua geração: é de sua índole manter-se em acessibilidade, abrir a plenitude do bojo aos que advenham

---

<sup>6</sup> Em suas *Considerações Extemporâneas*, ao discutir sobre os proveitos e prejuízos da história para a vida, Nietzsche fornece uma importante análise dos aspectos fundamentais que constituem esse caráter histórico epocal, que, analisado a partir de Evaldo Coutinho, o espaço artístico arquitetônico patenteia. Segundo Nietzsche, a História pertence aos viventes em três perspectivas diversas: a história pertence aos viventes como a ativos e aspirantes, como a resguardadores e venerandos e como a sofredores e necessitados de libertação. Acentua ainda que estas três perspectivas em que a história pertence aos viventes acaba por constituir três tipos de história: uma monumental, uma antiquária e outra crítica. (Cf. Friedrich NIETZSCHE, *Unzeitgemässe Betrachtungen*, von Nutzen und Nachteil der Historie für das Leben, in NIETZSCHE, Friedrich. *Menschliches Allzumenschliches und andere Schriften*. Werke 1. Köln: Kölnemann, 1994, p. 166). Penso que, do ponto de vista de uma filosofia do espaço arquitetônico como se constitui a de Evaldo Coutinho, podemos pensar historicamente, e em qualquer parte onde se constitua a história como épocas da existência humana, os logradouros específicos a partir dos quais uma história pertence aos viventes: de que maneira resguarda a história a *casa grande* e de que maneira a *senzala* a revela? De que maneira o faz as *igrejas barrocas* da época colonial e os *cemitérios indígenas*? Como a existência se revela historicamente na temporaneidade de seus lugares epocais? Evaldo Coutinho nos revela um caminho filosófico a partir do qual podemos compreender as nominalidades epocais presentes nesses espaços arquitetônicos, logradouros das temporaneidades fisionômicas da história humana.

mesmo desprovidos das condições que influíam nos prospectos remotos, facultando aos da atualidade a vez de imergirem arquitetonicamente na antiga era. (COUTINHO, 1998, p. 75-76)

É neste sentido que a temporaneidade do vão, ao resguardar um tempo, repetível na gestualidade da existência deambulante em seu interior, modela os traços de uma era, de uma época. O vão da arquitetura modela traços significativos da existência deambulante em seu interior. “Para Evaldo Coutinho o *vão não é propriamente o aspecto e a figuração* que o resguarda, *mas a conjuntura de possibilidades de vivência*, que ele designa com o termo *virtualidades*, que *no vão se projetam*” (SANTOS, 2009, p. 51). São essas virtualidades que constituem valores de época. A história se resguarda e repete seus traços no vão da arquitetura a cada vez revisitado. Nele, diz Evaldo Coutinho, há “valores que não se deterioram, que resistem à passagem do tempo, os quais, assim ilesos do continuado perecimento, se metodizam em curto e repetido calendário” (COUTINHO, 1998, p. 77). Assim o espaço oferece no vão da arquitetura os traços da historicidade da existência humana. Seus valores e contra-valores nele estão inscritos, não propriamente nas paredes, mas nos gestos fisionômicos que, modulados pelo próprio vão, são passíveis de repetição na deambulação do interior do espaço arquitetônico; não numa simples deambulação de inspeção, mas numa deambulação realmente vivencial.

### **Da temporaneidade do espaço arquitetônico à historicidade da existência: o caminho da significação histórica do espaço arquitetônico e suas características**

Com a compreensão fenomenológica do espaço da arquitetura veiculada pela filosofia de Evaldo Coutinho, verifica-se que a temporalidade do vão é diferente da temporalidade do maciço que o contém. Enquanto o espaço é *temporâneo*, o volume escultórico é *temporário*. Enquanto o primeiro exprime *um tempo*, o segundo desgasta-se *no tempo*. O maciço e o vão, por seu próprio modo diferenciado de ser no tempo, resguardam o histórico. “Como uma virtualidade projetada, o vão assume um caráter *temporâneo*, isto é, *o significativo de uma determinada época que perdura na sua disponibilidade acessível no tempo*” (SANTOS, 2009, p. 51). Como vimos, segundo Evaldo Coutinho, e como ele próprio o diz: “à margem da intemporalidade inserta entre vedações”, isto é, à margem do vazio do vão que se mostra propriamente intemporal porque não diretamente submetido à degeneração, uma vez que este não é o seu modo próprio de ser no tempo, à margem desta “se exhibe a temporalidade inerente a estas [vedações], a primeira [a intemporalidade] dependendo da segunda [a temporalidade]” (COUTINHO, 1998, p. 77).

Entendo, pois, que justamente nesse jogo entre a temporalidade do efêmero, que acaba por não ser caracterizada conceitualmente por Evaldo Coutinho e que eu entendo que deva ser expressa a partir do conceito de temporariedade, uma vez que a característica fundamental do efêmero que passa com o passar do tempo é o seu caráter temporário, portanto, nesse jogo entre a temporalidade do que é temporário e a temporalidade do que é propriamente temporâneo, isto é, o vão arquitetural, “se exhibe e determina então a temporaneidade de uma determinada conjuntura vivencial como possibilidade epocal de ser e existir” (SANTOS, 2009, p. 53). Aqui se constitui fisionomicamente a possibilidade da história do ser na história da existência finita deambulante do espaço arquitetônico, na medida em que minha existência realiza em minha deambulação no vão arquitetural a fisionomia de um ser epocal. Repito em minha deambulação pelo espaço do vão arquitetônico o tempo de uma época. Meu ser constitui artisticamente um tempo do Ser e sua história. Como diz Evaldo Coutinho:

O vazio da arquitetura adquire, portanto, na cena em que é considerado, um sentido algo misterioso nesse papel de protagonista que, no tempo, outorga a outrem, aos elementos esculturais, o mister de ele, por exemplo, o vazio medieval, preservar-se em si mesmo, de sorte a propiciar a alguém de hoje, a magia de tornar-se gótico. (COUTINHO, 1998, p. 77)

Isto acontece de tal modo que é justamente em função do resguardo de uma época da história que se procura em todo processo de restauração e tombamento a preservação e resguardo de uma época da história. Segundo Evaldo Coutinho, isso só se torna possível em função da temporaneidade do vão da arquitetura, que constitui um tempo. Segundo ele “ocorrem temporalidades no seio da intemporalidade” (COUTINHO, 1998, p. 78). Isto é, dito de uma maneira mais precisa: ocorrem eventos temporâneos, resguardadores de épocas do Ser em um ser em deambulação, no seio do espaço não temporário, que se insere nas vedações temporárias e marcadas pelo desgaste (no caso da degeneração) e pela renovação (no caso da restauração de valores escultóricos). Um evento histórico epocal do Ser se resguarda entre vedações, passíveis de repetição fisionômica por um ser em deambulação.

A história do Ser se exhibe temporaneamente e em um ser, pela repetição existencial fisionômica, retorna em sua historicidade fundamental, retorna como uma época, se constitui como possibilidade de estar sendo na existência temporânea. A história se temporiza em minha existência deambulante que atualiza e repete, em um instante vivencial, uma época do Ser. Ao mesmo tempo, o espaço torna contemporânea a existência de diversas épocas, pelo espaço comum que torna a ser habitado. Isso acontece de tal

modo, que o espaço epocal torna-se espaço de um *nós*, congregado por um único e mesmo espaço de vivência, de tal modo que a história se oferece como história comum: a história de um nós que agora é também minha história, uma vez que eu, em atual deambulação, existencio uma época, em um espaço arquitetônico. A História do Ser que se oferece em deambulação litúrgica (para usar outro termo caro a Evaldo Coutinho) pode tornar-se em todas as suas épocas, pelos vãos que as resguardam e as modulam em minha existência deambulante dos espaços arquitetônicos, a minha história, a mim adstrita, existente em mim e em mim fisionomicamente falecível.

Importa ressaltar um aspecto fundamental: uma vez que “o painel do nascimento é o que mais se assemelha ao painel da morte, começo e término de uma insulação no mar do não-ser” (COUTINHO, 1976, p. 175), existindo ele como infringência peremptória da lei do nada e seu vigor, e a morte como seu cumprimento definitivo, a destruição do espaço arquitetônico é o anúncio da morte de uma época do ser, acontecendo como “véspera da absoluta extinção – extinção fisionômica” (COUTINHO, 1976, p. 174) – em mim, comigo, de todas as épocas do Ser, repetíveis em minha deambulação nos diversos vãos da arquitetura, em realidade ou em ideação. Neste sentido, a finitude da história está fundamentalmente no fato de estar adstrita à singularidade da existência, que a patenteia enquanto a existência no tempo da repetição deambulante no seio do espaço arquitetônico, infringindo com isso a lei do nada (porque está sendo e deixando Ser). É esta existência que a torna perecente, na extinção fisionômica que se anuncia antecipando-se em minha morte por vir; é esta existência que realiza “o escurecimento que a nada excetua” (COUTINHO, 1976, p. 176). A morte, compreendida como a morte do Ser, a “Velha da Foice” como dizia Elomar no *Auto da Catingueira*, a “Moça Caetana, a cruel morte sertaneja”, como chamava Ariano Suassuna em seu *Romance da Pedra do Reino*, o “Machado do Nada”, como dizia Ernst Bloch, é compreendida por Evaldo Coutinho como um evento absoluto. A morte do Ser em minha morte e de tudo em mim e comigo, acontece como um naufrágio de um barco à deriva, que ao submergir leva consigo as águas nas quais navega. A minha existência e a minha morte determina o prazo dos vãos da arquitetura.

## Conclusão

Quero concluir dizendo que a compreensão filosófica do espaço da arquitetura veiculada por Evaldo Coutinho pode nos fornecer chaves importantes sobre a nossa compreensão da história e as nossas possibilidades de acesso artístico a ela. Na filosofia de Evaldo Coutinho, a arte não possui uma compreensão de caráter secundário. Como

escreveu o filósofo e poeta recifense Ângelo Monteiro: “Numa filosofia em que o homem é assumido, artisticamente, em sua singularidade, como sùmula de todo o universo que nasce e morre com ele, a arte assume um papel especial” (MONTEIRO, 2002, p. 12). Devo dizer ainda mais que, neste caso, a arte arquitetônica assume ainda maior primazia, em função do fato de que ela é compositora de uma realidade. Como afirma Evaldo Coutinho:

De todas as manifestações em que o ser se repete, a arquitetura se alteia como a ara mais explícita para os contempladores da repetição, e não me lembro de outros casos em que tão bem se externa a simbologia do gênero artístico, precisamente porque se trata de realidade e não de representação à maneira da pintura e da escultura. (COUTINHO, 1976, p. 199)

Para quem compreende alguns elementos fundamentais da filosofia existencial desde Kierkegaard, passando por Nietzsche, Heidegger e Sartre, a filosofia de Evaldo Coutinho ajuda a pensar sob uma perspectiva filosófico-estética, muitos desses elementos fundamentais. Neste artigo espero ter tornado relevante o papel da filosofia de Evaldo Coutinho para pensar a história no horizonte da arte arquitetônica, uma vez que justamente esta arte é apresentada por Evaldo Coutinho como a que mais se presta a pensar a história segundo o princípio existencial que o próprio Kierkegaard instaurou como o princípio que tem grande relevância para a nova filosofia: o princípio da repetição. “Pois”, dizia Kierkegaard, “a *repetição* é uma expressão decisiva para isto que para os gregos era a *recordação*. Como eles nomeadamente ensinaram, continua Kierkegaard, que todo conhecimento é recordação, assim a nova filosofia ensinará que toda vida é uma repetição” (KIERKEGAARD, 2000, p. 3).

Para os filósofos da existência, o conceito de repetição, assim como o conceito de tempo como instante (temporaneidade) e o conceito de liberdade, tornou-se decisivo para pensar a historicidade da existência histórica e o fundamento de seu acontecer. Isto se deixa entrever fortemente na filosofia de Kierkegaard e na filosofia de Heidegger. Entendo que a filosofia estética de Evaldo Coutinho é de grande importância para a discussão do acontecer histórico como acontecer existencial estético, na medida em que procura pensar este conceito no horizonte da arte arquitetônica.

## REFERÊNCIAS

COUTINHO, Evaldo. **O lugar de todos os lugares**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

\_\_\_\_\_. **A visão existenciadora**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

\_\_\_\_\_. **O convívio alegórico**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

- \_\_\_\_\_. **Ser e estar em nós.** São Paulo: Perspectiva, 1980.
- \_\_\_\_\_. **A subordinação ao nosso existir.** São Paulo: Perspectiva, 1981.
- \_\_\_\_\_. **A testemunha participante.** São Paulo: Perspectiva, 1983.
- \_\_\_\_\_. **A artísticidade do ser.** São Paulo: Perspectiva, 1987.
- \_\_\_\_\_. **A imagem autônoma.** São Paulo: Perspectiva, 1996.
- \_\_\_\_\_. **O espaço da arquitetura.** São Paulo: Perspectiva, 1998.
- \_\_\_\_\_. **O ano da criação: entrevista a Alexandre Bandeira,** in *Continente Multicultural*, ano I, n. 3, março/2001. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 2001, p. 33-42.
- HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit.** 18ª ed. Tübingen: Max Niemeyer, 2001.
- KIERKEGAARD, Sören. **Die Wiederholung.** trad. Hans Rochol. Hanburg: Felix Meiner, 2000.
- MONTEIRO, Ângelo. **Reflexões sobre a matéria da arte; à margem da filosofia estética de Evaldo Coutinho,** in INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL. *Jornal LAB-PE*, julho-agosto 2002, n. 54. Recife: 2002, p. 12-13.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Menschliches Allzumenschliches und andere Schriften.** Werke 1. Köln: Kölnemann, 1994.
- SANTOS, Gilfranco Lucena dos. **Tempo e história na hermenêutica bíblica:** Fundamentos filosóficos e aspectos teológicos da hermenêutica bíblica em Carlos Mesters. São Paulo: Loyola, 2009.